

**MULHERES E ESPORTE:
ROTAS INVESTIGATIVAS, ÉTICAS E POLÍTICAS**

**WOMEN AND SPORT:
INVESTIGATIVE, ETHICAL, AND POLITICAL ROUTES**

**MUJERES Y DEPORTE:
RUTAS INVESTIGATIVAS, ÉTICAS Y POLÍTICAS**

Silvana Vilodre Goellner

<https://orcid.org/0000-0002-1990-665X> 

<http://lattes.cnpq.br/2260335592246715> 

Universidade Federal de Pelotas (Pelotas, RS – Brasil)

vilodre@gmail.com

Mariana Zuaneti Martins

<http://orcid.org/0000-0003-0926-7302> 

<http://lattes.cnpq.br/7281518704205888> 

Universidade Federal do Espírito Santo (Vitória, ES – Brasil)

lcaramuru@gmail.com

Resumo

A pesquisa sobre a presença das mulheres no esporte na Educação Física brasileira evoluiu desde os anos 1980, com a influência do movimento feminista e dos estudos de gênero. O dossiê Mulheres e Esporte surge dessas reflexões. Ao adotarmos as mulheres como foco de intervenção acadêmica e política, aprendemos que o pessoal é político, razão pela qual aqui apresentamos os percursos investigativos, éticos e políticos dos dois grupos de pesquisa das autoras do artigo: o GRECCO e a GRUPA. Este texto destaca nossas experiências de pesquisa sobre mulheres e esporte, com a esperança de inspirar iniciativas semelhantes, de pesquisa engajada em construir um mundo mais justo e humano.

Palavras-chave: Estudos Feministas; Gênero; Pesquisa.

Abstract

Research on the presence of women in sports in Brazilian Physical Education has evolved since the 1980s, influenced by the feminist movement and gender studies. The Women and Sport dossier emerges from these reflections. By focusing on women in academic and political intervention, we have learned that the personal is political, which is why we present the investigative, ethical, and political paths of the two research groups led by the authors of the article: GRECCO and GRUPA. This text highlights our research experiences on women and sports, with the hope of inspiring similar initiatives, engaged in research to build a fair and more humane world.

Keywords: Feminist Studies; Gender; Research.

Resumen

La investigación sobre la presencia de mujeres en el deporte en la Educación Física brasileña ha evolucionado desde los años 1980, influenciada por el movimiento feminista y los estudios de género. El dossier Mujeres y Deporte surge de estas reflexiones. Al adoptar a las mujeres como foco de intervención académica y política, hemos aprendido que lo personal es político, razón por la cual presentamos los caminos investigativos, éticos y políticos de los dos grupos de investigación liderados por las autoras del artículo: GRECCO y GRUPA. Este texto destaca nuestras experiencias de investigación sobre mujeres y deporte, con la esperanza de inspirar iniciativas similares, comprometidas en la investigación para construir un mundo más justo y humano.

Palabras clave: Estudios Feministas; Género; Investigación.



INTRODUÇÃO

A investigação sobre a presença das mulheres no esporte tem sido abordada no campo da Educação Física brasileira a partir de diferentes recortes teórico-metodológicos. Essa produção foi impulsionada a partir da década de 1980 com a inserção de pesquisadores e pesquisadoras nos programas de pós-graduação, específicos que começavam a emergir e nos já estruturados em outras áreas do conhecimento.

Mais do que tentar historicizar a temática, interessa registrar a contribuição dos movimentos feministas, cujos desdobramentos acadêmicos e políticos possibilitaram o fomento de investigações focalizadas na participação das meninas e mulheres no campo das práticas corporais e esportivas. A teorização feminista, em suas nuances e dissonâncias (MACEDO; AMARAL, 2005), possibilitou a elaboração e apropriação de aportes epistemológicos que priorizaram as experiências das mulheres, seu protagonismo e agência e ainda que tenha demorado a eleger o esporte como objeto de análise, foi determinante para tornar visíveis os processos generificadores que o estruturam. Ou seja, os feminismos contribuíram de forma indelével para romper com a aceitação naturalizada do esporte como um campo de reserva masculina (DUNNING, 1986) ao explicitarem que essa apropriação se deu em função de aspectos sociais, culturais e históricos. Ao reivindicarem às mulheres a sua condição de sujeito no esporte, mostraram que esse espaço social, como qualquer outro, resulta de disputas políticas além de se configurar como um lugar de resistência e de transformação das relações de gênero.

A proposição do dossiê Mulheres e Esporte caminha nessa direção e resulta dos nossos percursos investigativos, éticos e políticos. Muitas poderiam ser as abordagens deste texto que, de certa forma, apresenta os artigos agrupados nesta seção temática. No entanto, optamos por escrever algo mais particular relacionado a nossa atuação nos grupos de pesquisa que coordenamos. Aprendemos com os feminismos que o pessoal é político e esse mote nos motiva a descrever algumas das experiências que temos vivenciado ao tomarmos as mulheres como o foco de nossa intervenção acadêmica e política. Ainda que esse não seja o único eixo de nossa atuação é sobre ele que aqui nos debruçamos com a esperança de que nosso registro encontre eco em outras iniciativas que tenham como objetivo a formação de pessoas comprometidas com um mundo menos desigual e mais humano.





GRUPO DE ESTUDOS SOBRE ESPORTE, CULTURA E HISTÓRIA (GRECCO)

O GRECCO foi fundado em 2002 e está vinculado à Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e desde então têm fomentado atividades de ensino, pesquisa e extensão privilegiando temáticas relacionadas às práticas corporais e esportivas e seu atravessamento com as questões de gênero. Desde maio de 2019, o grupo é coordenado pelo professor André Luiz dos Santos, tendo como vice-coordenadora a professora Silvana Vilodre Goellner.

O GRECCO está fundamentado em aportes teóricos das ciências humanas com destaque para a História Cultural, os Estudos de Gênero e Feministas e os Estudos Culturais. Inicialmente intitulou-se Grupo de Estudos sobre Cultura e Corpo, no entanto, dada a ampliação de sua intervenção, desde 2014 assumiu sua atual denominação. Passadas mais de duas décadas de sua criação, as ações desenvolvidas podem ser agrupadas em duas perspectivas temáticas: *Esporte, histórias e memórias*, e *Corpo, gênero e sexualidade*. Vale destacar que além da pesquisa, o foco do grupo está fortemente direcionado para a formação de pessoas, razão pela qual, desse deus primórdios investiu em atividades direcionadas para esse fim como, por exemplo, organização de eventos e de exposições, programas de extensão, oferta de disciplinas eletivas no curso de graduação em Educação Física, promoção de curso de pós-graduação lato sensu, organização de uma linha editorial com publicação de e-books bem como a orientação de estudantes de diferentes campos disciplinares. Tais iniciativas, desenvolvidas de modo coletivo, tem como intenção envolver o grupo em espaços que não apenas os relacionados à Universidade para que cada integrante possa visualizar e problematizar a diversidade dos sujeitos, dos saberes e das práticas. Essa percepção fez com que eu, Silvana, formasse o GRECCO com o objetivo de construir um olhar sobre a formação profissional de modo a prestar a atenção e visibilizar quem e o que, na oficialidade dos discursos institucionais, encontrava-se nas sombras.

Esporte, Histórias e Memórias

Considerando a intencionalidade acima mencionada, os estudos relacionados à história e à memória têm sido conduzidos de forma a reconstruir um olhar sobre o mundo que se afaste das concepções historiográficas que evidenciam sujeitos, grupos e instituições ligados aos poderes constituídos. A flexibilidade dos diálogos interdisciplinares, a não centralidade nos aspectos políticos e econômicos e a ampliação da noção de fonte foram





determinantes para esse direcionamento, pressupostos apreendidos a partir dos aportes teórico-metodológicos da História Nova (Bloch, 1983; Burke, 1991) e da História Cultural (CHARTIER, 2010; PESAVENTO, 2005). É nesse contexto que a investigação sobre as mulheres, os esportes e suas historicidades ganham destaque nos afazeres do grupo, dado seu quase apagamento na história oficial da Educação Física e do esporte cuja produção, além de rara, por muito tempo foi majoritariamente voltada para a descrição de algumas conquistas e efemérides. O diálogo com a História dos Mulheres (PERROT, 1988) e os Estudos de Gênero (Louro, 1999; Rago, 1998) possibilitou a emergência de investigações que se debruçam sobre as disputas que as mulheres travam para adentrar e permanecer no campo das práticas corporais e esportivas, sobretudo, em modalidades consideradas como pouco adequadas ao seu sexo. O grupo também tem produzido estudos sobre a presença das mulheres na gestão e em cargos técnicos, bem como sobre representações de feminilidade que circulam em diferentes artefatos culturais.

Dentre as atividades desenvolvidas pelo GRECCO com ênfase em temas relacionados à história e memória, destaca-se o *Garimpendo Memórias: Educação Física, Esporte, Lazer e Dança* cujo objetivo é preservar e divulgar a memória do esporte, da educação física, do lazer e da dança no Brasil. Fundamentado no aporte teórico-metodológico História Oral (AMADO; FERREIRA, 1996; THOMPSON, 1997), o projeto está direcionado para a realização de entrevistas com pessoas que atuaram e atuam na estruturação e legitimação das práticas corporais e esportivas. Desenvolvido desde 2002, reconhece a importância da oralidade como fonte histórica tendo como referência inicial o trabalho desenvolvido pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea no Brasil (CPDOC), instituição que opera com a História Oral entendendo-a como um método de pesquisa e de produção de fontes (ALBERTI, 1989). A apropriação deste referencial se justifica pelo entendimento de que a oralidade possibilita a escuta de histórias de indivíduos e grupos que estão à margem da centralidade dos discursos, “permite expandir os horizontes do nosso conhecimento sobre o mundo; e estimula o questionamento de nossas próprias hipóteses a respeito das experiências e dos pontos de vista de outras pessoas e culturas” (PATAI, 2010, p. 124).

Em maio de 2019, eu, Silvana, me aposentei da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e, desde então, o *Garimpendo Memórias* passou a ter uma coordenação compartilhada com a professora Christiane Garcia Macedo, da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), local onde o projeto atualmente está sediado. Em fevereiro de 2024 conta com um





acervo de 987 entrevistas realizadas dentre elas 802 disponibilizadas para consulta (GARIMPANDO MEMÓRIAS, 2024).

Visando a padronização dos procedimentos metodológicos do projeto, elaboramos o *Manual prático para esclarecimento de procedimentos básicos a serem realizados nas entrevistas*, detalhando como se dá todas as etapas de seu processamento: elaboração do roteiro e realização, transcrição, copidesque, pesquisa, devolução à pessoa que a concedeu, assinatura de carta de cessão de direitos autorais, catalogação e disponibilização para consulta.

Cabe destacar que a maioria das entrevistas realizadas estão vinculadas a pesquisas desenvolvidas por integrantes do GRECCO as quais, além de atender cada especificidade investigativa, têm integrado exposições, seminários, oficinas, produção de vídeos e outras atividades que visibilizam a memória como algo vivo a dizer do passado e do presente. A articulação entre a História das Mulheres e a História Cultural, permitiu o diálogo com os Estudos Culturais e os Estudos de Gênero e Feministas fomentando o adensamento do outro enfoque temático conduzido pelo grupo. Antes de descrevê-lo é importante registrar que esses enfoques não se dão de forma isolada. Ao contrário: mantêm íntima relação. O fato de registrá-los em separado é permeado pela intencionalidade didática de conferir alguns destaques as suas proposições articulando-as com a Educação Física e áreas afins.

Corpo, Gênero e Sexualidade

A atenção para questões relacionadas à produção dos corpos, dos gêneros e das sexualidades aflorou no GRECCO a partir dos investimentos na História das Mulheres e nos Estudos de Gênero. O texto *Gender: a useful category of historical analysis* (SCOTT, 1995) se configurou como um marco nesse processo ao desvelar o gênero como uma categoria potente para analisar os processos pelos quais, no interior de redes de poder, a diferença biológica é tomada para explicar desigualdades sociais, formas de inclusão e exclusão de sujeitos e grupos. Essa percepção foi imediatamente associada a forma diferenciada pela qual historicamente homens e mulheres vivenciam as práticas corporais e esportivas. A vertente do feminismo pós-estruturalista foi adotada pelo grupo em especial porque desnudou a impossibilidade de universalizar a categoria “mulher” (e também “homem”) indicando que cada um desses polos gera múltiplas formas de masculinidade e feminilidade e estas se constroem dentro de relações sociais, nunca separadamente, nem mesmo em oposição de uma em relação à outra (Nicholson, 2000). Para além dessa assertiva afirmam ainda que as masculinidades e as





feminilidades são construídas na relação entre si e na articulação com outras categorias ta como classe, raça/etnia, sexualidade, religião, geração, entre outras, tendo no corpo a materialização dessa construção. Ou seja, a vertente pós-estruturalista, projeta para o termo gênero uma configuração que não se restringe a uma categoria analítica, mas também como algo que integra a identidade do sujeito e o constitui. Esta abordagem encontra fundamentação nas teorizações de Michel Foucault (1988; 1992), quando privilegia a centralidade da linguagem como um local de produção das relações que a cultura estabelece entre corpo, sujeito, conhecimento e poder.

Os estudos centrados no corpo são conduzidos levando em consideração o aporte teórico-metodológico da História do Corpo (CORBIN; COURTINE; VIGARELLO, 2017; SANT'ANNA, 1995) cujos pressupostos rompem com a representação de que o corpo é um dado natural e universal sobre o qual se agregam valores, atitudes, comportamentos, gestualidades e performances. Este enunciado fissa o discurso que, ancorado por argumentos biológicos, legitima a diferenciação entre homens e mulheres ao mesmo tempo em que propõe outro foco analítico: mais do que buscar explicações que possam medir, comparar ou explicar fisiologicamente as diferenças entre as performances do homem e da mulher deveríamos indagar por que essas diferenças, e não outras quaisquer, são tomadas como as mais importantes para demarcar tal distinção (WILLIS, 1994 apud DEVIDE, 2005).

Se o corpo não está fora da cultura sendo, inclusive, um de seus produtos, os gêneros e as sexualidade também o são. Essa afirmação tem se constituído como propulsora das atividades do GRECCO, fundamentalmente porque abre espaço para análises que valorizem a diversidade dos sujeitos e rejeitam representações que os hierarquizam (Goellner, 2010). Nesse sentido, o termo *problematizar*, é tomado como algo imprescindível no cotidiano do grupo visto que coloca em suspeição algumas situações com as quais nos deparamos diariamente e que só existem para promover a exclusão, a discriminação e a violência, inclusive no campo das práticas corporais e esportivas (GOELLNER et al., 2009).

Interessa ainda registrar que a aproximação do GRECCO com os Estudos Culturais (COSTA, 2000; HALL, 2006; SILVA, 2000) se deu a partir da noção proposta pela Nova História, da ampliação da noção de fonte. Com isso um filme, uma medalha, um material publicitário, um objeto são observados como artefatos que educam, narram histórias, e produzem representações. No campo específico do estudo sobre as mulheres e o esporte, essa noção se mostrou pertinente seja nas investigações pautadas na história e memória, seja naquelas que





analisam o presente, sobretudo, as que estão direcionadas para representações de feminilidades na mídia, inclusive a esportiva.

Para finalizar gostaria de assinalar que um dos desdobramentos do GRECCO foi a criação do *Grupo de Estudos Mulheres do Futebol (GEMF)*, que eu, Silvana, tenho a honra de participar juntamente com as ex-jogadoras Juliana Cabral, Márcia Tafarel, Leda Maria, Thais Picarte e Dilma Mendes. Esse grupo foi formado em 2020 e tem como principal objetivo visibilizar as mulheres que protagonizam o futebol, com destaque para as pioneiras que abriram as portas para que a modalidade se tornasse possível em um país marcado pela hegemonia do futebol dos homens. Ao me dedicar a essa temática, ampliei minha intervenção para além do campo acadêmico me tornando, como gosto de referenciar, uma ativista do futebol de mulheres.

GRUPO DE ESTUDOS EM GÊNERO E ESPORTE (GRUPA)

A Grupa é sediada na Universidade Federal do Espírito Santo, fundado em 2018. A proposta da Grupa é pesquisar e atuar na temática do esporte atravessado pelas relações de gênero. Somos um grupo de estudos recente, com apenas 5 anos de existência, influenciado e nutrido pela ampliação dos estudos de gênero e de mulheres no esporte no campo da Educação Física brasileira (GOELLNER, 2013). Dessa forma, como um grupo jovem, aprendemos e caminhamos na esteira das pesquisadoras/es e grupos que consolidaram os estudos feministas no campo da EF brasileira.

As práticas epistemológicas feministas nos orientam, tanto dentro quanto fora da universidade, com base em três reflexões centrais extraídas do diálogo com as perspectivas epistemológicas feministas descritas por Pathi Latter (2017). A primeira é nossa *reflexão de fundo*: sobre o que significa conduzir pesquisa empírica em um mundo injusto, onde a desigualdade de gênero é predominante. Essa indagação reverbera em nossas pesquisas, que buscam necessariamente o engajamento com a justiça social.

A segunda versa sobre os nossos *comos*. Estudar, fazer pesquisa e intervir são processos que alavancamos de forma colaborativa e solidária. Dentro da Grupa, há estudantes em diversos níveis de formação e profissionais com experiências plurais, pessoas com biografias singulares. A troca de experiências e aprendizados advindos dessas diferenças, aliada à empatia e à disposição para oferecer auxílio nos momentos desafiadores - que podem ser, por vezes, exaustivos tanto na vida acadêmica quanto na quadra -, fomenta um ambiente





de reciprocidade. Esse ambiente demanda respeito, solidariedade e negociação nas relações de poder, considerando nossa *posicionalidade*, impulsionando um contínuo processo de diálogo e reflexão. Não é algo simples, porém, da mesma forma, a pesquisa no contexto atual também não o é. As universidades públicas enfrentam pressões privatistas e a pós-graduação é submetida à égide neoliberal do produtivismo. Além disso, é crucial reconhecer a existência de uma considerável desigualdade de gênero no meio acadêmico e nas instituições de ensino superior. Assim, construir esse processo de maneira colaborativa e estabelecer redes de apoio são essenciais para negociar e resistir a essas pressões.

A terceira são os nossos *porquês*. A elaboração dos resultados da pesquisa é um processo de negociação de sentido com as pessoas com as quais fazemos pesquisa, refletindo os afetos da experiência vivida naquele campo de estudo. Entendemos o processo de pesquisa (entre nós pesquisadoras/es e com as pessoas em campo) como catalisador e encorajador de uma profunda autorreflexão entre todas as pessoas envolvidas, informando e energizando-as (nós) para a ação transformadora.

O esporte como recorte se deve a três razões. Em primeiro lugar, eu, Mariana, ministro disciplinas vinculadas ao ensino do esporte e do futsal. Como mulher à frente dessas disciplinas, desempenho um papel crucial no reconhecimento de outras estudantes e profissionais neste campo predominantemente masculino. Essa contribuição é fundamental para diversificar as perspectivas nas ciências do esporte e promover a inclusão da diferença como um elemento de diálogo no ambiente acadêmico. Além disso, mesmo trabalhando com futsal, uma modalidade esportiva específica, defendo a abertura para considerar pesquisarmos e estudamos as práticas esportivas diversas. Isso reconhece que não apenas o futebol/ futsal, mas o esporte moderno como um conjunto tem sido historicamente um terreno marcado pela vigilância de gênero (FAUSTO-STERLING, 2002). Por fim, diante do cenário em que as políticas de gênero no esporte, frequentemente apresentadas sob o pretexto de proteção, acabam por excluir e marginalizar as mulheres, o compromisso e engajamento com a transformação é nosso horizonte. Um exemplo claro disso é a segregação de gênero em competições, argumentando que é necessário para garantir uma competição "justa" para as mulheres, que seriam consideradas "frágeis". Isso é evidenciado também pela existência de regras e provas diferenciadas entre os gêneros

O esporte moderno, suas organizações e suas instituições são *generificados* e *generificadores*, isto é, fazem e circulam pedagogias de gênero nos processos, práticas,





imagens, ideologias e distribuições de poder de uma instituição (GOELLNER, 2005; MESSNER, 2002). Retomamos esse aspecto para destacar que as pedagogias do ensino do esporte são atravessadas pelas desigualdades de gênero (MARTINS; SILVA, 2020; SILVA; MARTINS, 2023). Na Grupa, buscamos estudar a aprendizagem, treinamento e vivência do esporte, levando em conta os marcadores culturais de gênero e sexualidade. Reconhecemos que aprendemos e jogamos como pessoas imersas em relações sociais que influenciam nossa compreensão desse fenômeno.

Nessa perspectiva, temos nos orientado por duas linhas de pesquisa principais que se articulam: i) compreender como as relações e discursos culturais de gênero atravessam as práticas esportivas de meninas e mulheres (tendo como principal, mas não único foco o futebol/futsal); ii) construir práticas pedagógicas feministas com as meninas e mulheres para a aprendizagem, vivência e treinamento esportivo.

A Participação Esportiva das Meninas e Mulheres a partir da Perspectiva dos Estudos de Gênero

Buscamos olhar a forma como os discursos culturais de gênero organizam as práticas esportivas, institucionalizadas ou não. Partimos das noções pós-estruturalistas de gênero (BUTLER, 1990; LOURO, 1999; SCOTT, 1995) e, nesse caso, do gênero como um organizador da cultura, conforme Dagmar Meyer (2004), por meio do qual estruturam-se as oportunidades de engajamento com o esporte.

Por essa via também, na esteira de Claudia Kessler (2015), não trabalhamos com a denominação esporte feminino, por esta terminologia estar alinhada a uma noção única e tradicional de feminilidade, que não reflete a diversidade de engajamentos possíveis das mulheres com o esporte. Rejeitamos também a “velha narrativa” de uma feminilidade problemática, que considera meninas e mulheres desinteressadas, inativas e inabilidosas, as culpabilizando pela sua não participação (ALTMANN; AYOUB; AMARAL, 2011; OLIVER; KIRK, 2015). Partindo da ideia de que a linguagem é um ato de poder, a necessidade de adjetivação do esporte como *feminino* denota um processo de hierarquização das práticas, já que o esporte (não adjetivado) seria aquele praticado pelos homens.

A partir dessa perspectiva, temos conduzido investigações, principalmente no contexto do futebol, sobre questões relacionadas ao desenvolvimento e participação esportiva, especialmente das meninas e mulheres. Exploramos os impactos das principais políticas de





desenvolvimento, como a regulamentação da Conmebol de 2019, nas áreas de organização, profissionalização da modalidade, oportunidades de carreira e categorias de base. Por meio de um diálogo entre os referenciais da sociologia do esporte, dos estudos de gênero e de carreira esportiva, buscamos compreender e narrar as trajetórias das atletas e daquelas que aspiram ingressar como profissionais no futebol (MARTINS; DELARMELENA; DE SOUZA, 2023).

Além disso, uma preocupação particular tem chamado a atenção que é o cruzamento de outros marcadores sociais ao gênero, a partir da perspectiva interseccional (MARTINS; SILVA; VASQUEZ, 2021; MARTINS et al., 2021; MARTINS; VASQUEZ; MION, 2022). É necessário reconhecer os limites da minha *posicionalidade*, como mulher cisgênero, de classe média, paulistana e branca. O diálogo a partir da diferença foi chave: a questão da raça chamou nossa atenção não apenas através da leitura de textos acadêmicos ou da presença em campo, mas principalmente pela inclusão de pessoas negras na universidade e na Grupa, que desafiam a visão limitada da branquitude acadêmica.

Aprender, Ensinar e Transformar o Esporte com as Meninas e Mulheres: Práticas Feministas na Pedagogia do Esporte

Identificar, nomear e descrever as injustiças é importante. Mas é crucial ir além de falar *sobre* o esporte de meninas e mulheres: é necessário criar um ambiente de diálogo que permita o envolvimento ativo *delas* no processo de compreensão e transformação desses espaços. Isso implica abrir um espaço de escuta e pensar em alternativas junto *com* ela, desenvolvendo, de forma colaborativa, possibilidades concretas para aumentar as oportunidades de aprendizado esportivo para as meninas (SILVA; MARTINS, 2023). Por essa razão, temos nos debruçado em dialogar e experimentar práticas das pedagogias feministas na pedagogia do esporte.

Reconhecemos que ensinar bem o esporte requer o conhecimento das metodologias inovadoras emergentes, que valorizam o protagonismo, a inteligência e a criatividade. Portanto, a intervenção e a prática social são objetos de estudo dentro da GRUPA e o campo da pedagogia do esporte tem sido fundamental para auxiliar-nos a pensar em novos caminhos (GALATTI et al., 2014). Colocamos este campo em diálogo com as epistemologias feministas e os estudos de gênero. Além disso, a abordagem ativista, mais recentemente adotada, tem guiado nossas iniciativas de pesquisa-ação, experimentando construir aulas e o





currículo de forma colaborativa com as/os alunas/os (HOOKS, 2019; LATHER, 2017; LUGUETTI et al., 2017; OLIVER; KIRK, 2015).

A preocupação com a intervenção social também nos motiva a realizar atividades de extensão, como projetos de esporte para mulheres adultas e projetos de iniciação esportiva para crianças e jovens (MARTINS; SILVA; MION, 2023). Além disso, a presença de professoras/es pesquisadoras/es da escola vinculadas/os ao Mestrado Profissional em Rede em Educação Física (PROEF) tem contribuído para que nossas pesquisas e reflexões estejam articulando universidade e chão da escola.

Por fim, o desejo de ampliar o diálogo com outras/os professoras/es e treinadoras/es sobre a temática nos motivou a compartilhar nossas experiências pedagógicas em publicações de caráter didático-metodológico. São propostas sobre o ensino do futebol, futsal, tênis, skate e gênero, construídas em colaboração com pessoas que, fora do ambiente acadêmico, têm direcionado preocupações à democratização do esporte (FERREIRA et al., 2020; MARTINS et al., 2020, 2022; MARTINS; BRANT, 2016; MARTINS; URRÁ; DANTAS, 2022).

O nome *Grupa* tenta sintetizar nossos desejos. Em primeiro lugar, somos uma grupa, porque almejamos desafiar as convenções e hegemonias masculinas no esporte. E começamos por tensionar a própria gramática portuguesa, para, em consonância, propor gramáticas esportivas mais plurais, que acolham todos os corpos. Em segundo lugar, somos uma grupa porque nosso objetivo é agrupar corpos, ideias e iniciativas. Agrupar porque as práticas de pesquisa e intervenção engajadas envolvem colaboração, solidariedade e respeito. Agrupar porque queremos tecer, colaborar e participar de redes acadêmicas, educacionais e esportivas que batalhem pela democratização do esporte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como docentes de universidades públicas, queremos reafirmar nosso compromisso com a formação de pessoas e com a construção de perspectivas mais igualitárias em relação ao acesso e a permanência dos sujeitos nas práticas esportivas que desejam participar. Nosso relato aponta para as escolhas teóricas e metodológicas que conduzem nossa intervenção, a qual é compartilhada por todos e todas que de algum modo participaram e participam dos grupos aos quais estamos vinculadas e das mais diversas ações nas quais nos envolvemos no âmbito universitário e fora dele. Sabemos que toda a luta é coletiva e por esse





motivo nós, Silvana e Mariana, ao assinarmos esse texto agradecemos e honramos quem contribuiu e contribui para que chegássemos onde chegamos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. **História oral**: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989.

ALTMANN, Helena; AYOUB, Eliana; AMARAL, Silvia Cristina Franco. Gênero na prática docente em educação física: "meninas não gostam de suar, meninos são habilidosos ao jogar"? **Revista estudos feministas**, v. 19, p. 491-501, 2011.

AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

BLOCH, Marc. **Introdução à história**. Lisboa, Portugal: Publicações Europa-América, 1983.

BURKE, Peter. **A escola dos annales (1929 - 1989)**: a revolução francesa da historiografia. 2. ed. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1991.

BUTLER, Judith. **Gender trouble**: feminism and the subversion of identity. New York, USA: Routledge, 1990.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. 2. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2010.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Orgs.). **História do corpo**: as mutações do olhar. O século XX. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

COSTA, Marisa Vorraber. Estudos culturais—para além das fronteiras disciplinares. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Estudos culturais em educação**: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema. Porto Alegre, RS: UFRGS, 2000.

DEVIDE, Fabiano Pries. **Gênero e mulheres no esporte**: história das mulheres nos Jogos Olímpicos Modernos. Ijuí, RS: Unijuí, 2005.

DUNNING, Eric. Sport as a male preserve: Notes on the social sources of masculine identity and its transformations. **Theory, culture & society**, v. 3, n. 1, p. 79-90, 1986.

FAUSTO-STERLING, Anne. Dualismos em duelo. **Cadernos Pagu**, p. 9-79, 2002.

FERREIRA, Wesly Otoni e colaboradores. Inclusão do tênis na formação de professores de educação física: experiências de ensino e de reconstrução em um curso de licenciatura. **Caderno de educação física e esporte**, v. 18, n. 2, p. 1-7, 2020.





FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

GALATTI, Larissa Rafaela e colaboradores. Pedagogia do esporte: tensão na ciência e o ensino dos jogos esportivos coletivos. **Revista da educação física**, v. 25, p. 153-162, 2014.

GARIMPANDO MEMÓRIAS. Garimpando memórias: programa de história oral. 2024. Disponível em: <<https://garimpandomemorias.univasf.edu.br/entrevistas>>. Acesso em 14 mar. 2024.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A contribuição dos estudos de gênero e feministas para o campo acadêmico-profissional da Educação Física. In: DORNELLES, Priscila; WENETZ, Ileana; SCHWENGBER, Maria Simone (Orgs.). **Educação física e gênero: desafios educacionais**. Ijuí, RS: Unijuí, 2013.

_____. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. **Cadernos de formação RBCE**, v. 1, n. 2, p. 71-83, 2010.

_____. As práticas corporais e esportivas e a produção de corpos generificados. In: SEFFNER, Fernando e colaboradores (Orgs.). Rio Grande, RS: FURG, 2005.

GOELLNER, Silvana e colaboradores. **Gênero e raça: inclusão no esporte e lazer**. Porto Alegre, RS: UFRGS, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOOKS, Bell. **Teoria feminista: da margem ao centro**. São Paulo: Perspectiva, 2019.

KESSLER, Claudia Samuel. **Mais que barbies e ostras: uma etnografia do futebol de mulheres no Brasil e nos Estados Unidos**. 2015. 375f. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2015.

LATHER, Patti. **(Post) critical methodologies: the science possible after the critiques: the selected works of Patti Lather**. London, England: Routledge, 2017.

LOURO, Guacira Lopes. **Sexualidade, gênero e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

LUGUETTI, Carla e colaboradores. Exploring an activist approach of working with boys from socially vulnerable backgrounds in a sport context. **Sport, education and society**, v. 22, n. 4, p. 493-510, 2017.

MACEDO, Ana Gabriela; AMARAL, Ana Luisa. **Dicionário da crítica feminista**. Porto, Portugal: Edições Afrontamento, 2005.





MARTINS, Mariana Zuaneti e colaboradores. La enseñanza del fútbol sala: competencias para el juego y propuestas metodológicas. In: ESPER, Pablo (Org.). **Iniciación, formación y desarrollo de los deportes de equipo**. Salta, Argentina: Universidad Católica de Salta, 2022.

MARTINS, Mariana Zuaneti e colaboradores. **O futebol é delas**: cartilha pedagógica. Vitória, ES: Grafitusa, 2020.

MARTINS, Mariana Zuaneti e colaboradores. Raça, gênero e sexualidade no futebol de mulheres no Brasil: o que tem de racismo nesse machismo? In: MATIAS, Wagner Barbosa; ATHAYDE, Pedro (Orgs.). **Entrelinhas do futebol**: espetáculo, gênero e formação coleção academia & futebol. Curitiba, PR: CRV, 2021.

MARTINS, Mariana Zuaneti; BRANT, Tuffy Felipe. Livros infantis, gênero e práticas corporais: uma proposta pedagógica em Educação Física a partir do livro Leila Menina. **Kinesis**, v. 34, n. 1, p. 130-148, 2016.

MARTINS, Mariana Zuaneti; DELARMELENA, Gabriela Borel; DE SOUZA, Letícia Carvalho. Profissionalize-se como uma garota?: efeitos das políticas de desenvolvimento do futebol de mulheres nas oportunidades da carreira esportiva no Brasil. **Revista sobre futebol, linguagem, artes e outros esportes**, v. 8, n. 3, p. 59-81, 2023.

MARTINS, Mariana Zuaneti; SILVA, Bruna Saurin. Incorporar meninas nas aulas de esporte: pensando possíveis articulações entre os estudos de gênero e a pedagogia do esporte. **Pensar a prática**, v. 23, p. 1-23, 2020.

MARTINS, Mariana Zuaneti; SILVA, Bruna Saurin; MION, Maria Paula Louzada. A iniciação ao futsal de mulheres adultas: construindo coletivamente um espaço seguro para a aprendizagem. **Corpoconsciência**, v. 27, p. 1-16, 2023.

MARTINS, Mariana; SILVA, Kerzia; VASQUEZ, Vitor. As mulheres e o país do futebol: intersecções de gênero, classe e raça no Brasil. **Movimento**, v. 27, p. 1-18, 2021.

MARTINS, Mariana Zuaneti; URRÁ, Sílvia; DANTAS, Aline Soares. Diversão sobre rodas: jogos e brincadeiras tradicionais para a introdução ao skate. **e-Mosaicos**, v. 11, n. 27, p. 21-35, 2022.

MARTINS, Mariana Zuaneti; VASQUEZ, Vitor Lacerda; MION, Maria Paula Louzada. Associações entre gênero, classe e raça e participação nas aulas de Educação Física. **Revista brasileira de atividade física & saúde**, v. 27, p. 1-8, 2022.

MESSNER, Michael A. **Taking the field**: women, men, and sports. Minnesota, USA: University of Minnesota Press, 2002.

MEYER, Dagmar Estermann. Teorias e políticas de gênero: fragmentos históricos e desafios atuais. **Revista brasileira de enfermagem**, v. 57, n. 1, p. 13-18, 2004.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. **Revista estudos feministas**, v. 8, n. 2, p. 1-33, 2000.





OLIVER, Kimberly L.; KIRK, David. **Girls, gender and physical education: an activist approach**. London, England: Routledge, 2015.

PATAI, Daphne. **História oral, feminismo e política**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. 2. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2005.

RAGO, Margareth. Descobrimo historicamente o gênero. **Cadernos Pagu**, n. 11, p. 89-98, 1998.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. Corpo e História. **Cadernos de subjetividade**, n. 2, p. 243-266, 1995.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & realidade**, v. 20, n. 2, p. 72-99, 1995.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2000.

SILVA, Bruna Saurin; MARTINS, Mariana Zuaneti. Ensinando o esporte a partir do ponto de vista feminista: tensões da epistemologia feminista para a pedagogia do esporte. **Corpoconsciência**, v. 27, p. 1-16, 2023.

THOMPSON, Alistair. Reconstituo a memória: questões sobre a relação entre história oral e as memórias. **Projeto história**, v. 15, p. 51-84, 1997.

Dados da primeira autora:

Email: vilodre@gmail.com

Endereço: Rua Carazinho 624/302, Bairro Petrópolis, Porto Alegre, RS, CEP 90460-190, Brasil.

Recebido em: 03/03/2024

Aprovado em: 14/03/2024

Como citar este artigo:

GOELLNER, Silvana Vilodre; MARTINS, Mariana Zuaneti. Mulheres e esportes: rotas investigativas, éticas e políticas. **Corpoconsciência**, v. 28, e.17266, p. 1-15, 2024.

